

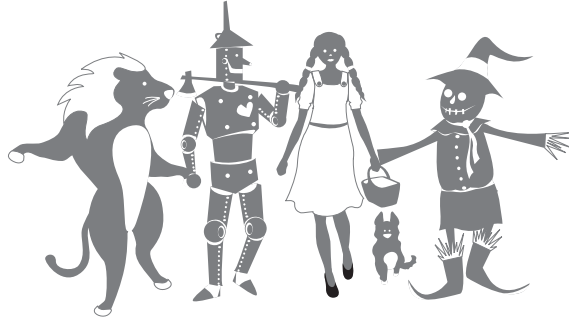
Um registro fidedigno das notáveis aventuras de Dorothy, Trot e o Mágico de Oz juntamente com o Leão Covarde, o Tigre Faminto e o Capitão Bill na bem-sucedida busca por um bonito e mágico presente de aniversário para a princesa Ozma de Oz.

L. FRANK BAUM
Historiador Real de Oz

SUMÁRIO

Aos meus leitores.....	9
Monte Munch	11
O gavião	17
Dois sujeitos maus.....	21
Conspiradores.....	30
Um cantinho feliz de Oz.....	33
Os presentes de aniversário de Ozma.....	40
A Floresta Gugu.....	50
Os Le-Mac-Ags criam encrenca	54
A ilha da Flor Mágica.....	61
Gruda rápido.....	68
Os animais da Floresta Gugu.....	74
Kiki usa sua magia.....	79
A perda da bolsa preta	86
O Mágico aprende a palavra mágica.....	95
O Pato Solitário.....	103
A Gata de Vidro encontra a bolsa preta	112
Uma viagem notável.....	120
A magia do Mágico	127
Dorothy e os abelhões.....	132

Os macacos são importunados.....	137
A Faculdade de Artes Atléticas.....	143
A festa de aniversário de Ozma.....	146
A Fonte do Esquecimento	154



AOS MEUS LEITORES

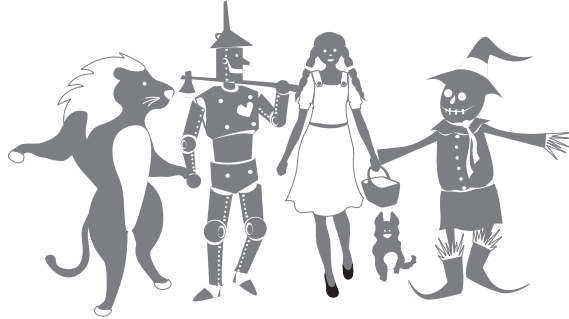
Curiosamente, nos acontecimentos que tiveram lugar nos últimos anos em nosso “grande mundo externo”, podemos encontrar incidentes tão maravilhosos e inspiradores que não posso deixar de compará-los com as histórias da Terra de Oz.

Contudo, *A magia de Oz* é uma história de fato mais estranha e extraordinária do que tudo o que li ou ouvi do nosso lado do grande Deserto de Areia, que nos isola da Terra de Oz, mesmo durante esses últimos e incríveis anos, então espero que ela agrade à sua paixão por ser novidade.

Uma longa doença deixou-me confinado e impediu-me de responder a todas as belas cartas que me foram enviadas – mas de agora em diante espero poder dar pronta atenção a todas as cartas que meus leitores me enviarem.

Asseguro que meu amor por vocês nunca diminuiu e espero que os livros de Oz continuem a dar-lhes tanto prazer em ler quanto eu tenho de escrevê-los.

Afetuosamente, L. Frank Baum,
Historiador Real de Oz
Hollywood, Califórnia, 1919



MONTE MUNCH

Do lado leste da Terra de Oz, no País dos Munchkins, existe uma alta colina chamada Monte Munch. De um lado, a parte de trás dessa colina chega a tocar o Deserto Mortal, área de areia que separa a Terra Encantada de Oz do resto do mundo; mas, do outro lado, a colina toca o belo e fértil País dos Munchkins.

Os habitantes do País dos Munchkins, contudo, apesar de viverem bem ao lado do Monte Munch, conhecem muito pouco dele. Isso porque, quando se chega a um terço da subida, as encostas do morro tornam-se muito íngremes para subir, e, se alguém por acaso mora no topo desse grande pico, que parece chegar perto do céu, os Munchkins não têm conhecimento do fato.

Mas há pessoas que moram lá, mesmo assim. O alto do Monte Munch tem a forma de um pires, amplo e fundo, e no pires existem campos em que crescem cereais e vegetais, nos quais os rebanhos alimentam-se, por onde correm riachos e onde há árvores que produzem todo tipo de fruto. Existem casas espalhadas aqui e ali, cada uma com sua família de Hyups, que é a forma como essas pessoas

autodenominam-se. Os Hyups raramente descem a montanha, pela mesma razão que os Munchkins nunca sobem: as encostas são íngremes demais.

Em uma das casas vivia um velho e sábio Hyup chamado Bini Aru, que era um bom feiticeiro. Mas Ozma de Oz, que governa tudo na Terra de Oz, tinha emitido um decreto segundo o qual ninguém poderia praticar magia em seus domínios a não ser Glinda, a Bruxa Boa, e o Mágico de Oz. E, quando Glinda transmitiu essa ordem real para os Hyups por meio de uma águia de asas fortes, o velho Bini Aru imediatamente parou de praticar as artes da magia. Ele destruiu muitos de seus poderes mágicos e instrumentos de magia e depois honestamente obedeceu à lei. Ele nunca tinha visto Ozma, mas sabia que ela era a governante e devia obedecer a ela.

Havia apenas uma coisa que o entristecia. Ele tinha descoberto um novo e secreto método de transformação que era desconhecido de todos os outros feiticeiros. Nem Glinda, a Bruxa Boa, o conhecia, nem o pequeno Mágico de Oz, nem o doutor Pipt, nem o velho Mombi, nem ninguém que lidasse com artes mágicas. Era o segredo de Bini Aru. Por meio dele, era a coisa mais simples do mundo transformar qualquer pessoa em animal, pássaro ou peixe, ou qualquer outra coisa, e, inversamente, fazer a pessoa voltar a ser o que era, desde que o mágico soubesse pronunciar a palavra mística “Pyrzqxgl”.

Bini Aru usou seu segredo muitas vezes, mas não para causar mal ou sofrimento aos outros. Se, por exemplo, estivesse andando por aí, longe de casa, e sentisse fome, poderia dizer: “Quero me tornar uma vaca – Pyrzqxgl!”. Em um instante, ele seria uma vaca e então poderia comer capim e satisfazer sua fome. Todos os animais e pássaros poderiam falar, de modo que, quando a vaca não estivesse mais com fome, poderia dizer: “Quero ser Bini Aru de novo: Pyrzqxgl!”, e a palavra mágica, pronunciada de modo adequado, instantaneamente faria com que ele recuperasse sua verdadeira forma.

Agora, é lógico, eu não me atreveria a escrever aqui essa palavra mágica de maneira tão clara se soubesse que meus leitores iriam pronunciá-la adequadamente e, assim, ser capazes de se transformar em outros seres. Mas é um fato que ninguém no mundo, a não ser Bini Aru, já foi capaz de pronunciar “Pyrzqxgl!” do jeito certo, de modo que penso que é seguro dar essa palavra para vocês. Seria bom, contudo, ao ler esta história em voz alta, tomar cuidado para não pronunciar Pyrzqxgl da maneira correta e evitar, assim, que todo perigo do segredo seja capaz de causar algum malefício.

Bini Aru, por ter descoberto o segredo da transformação instantânea, que não requeria nem instrumentos nem pós, nem produtos químicos nem ervas, e sempre funcionava perfeitamente, estava relutante em deixar essa descoberta tão maravilhosa permanecer inteiramente desconhecida de todo o conhecimento humano ou perdida. Resolveu não utilizar a palavra novamente, desde que Ozma o tinha proibido de fazê-lo, mas refletiu que Ozma era uma garota e, em algum momento, poderia mudar de ideia e permitir que seus súditos voltassem a praticar magia. Nesse caso, Bini Aru poderia outra vez transformar a si mesmo em outros seres de acordo com sua vontade... a menos, é claro, que esquecesse como era a pronúncia de Pyrzqxgl nesse meio-tempo.

Depois de refletir cuidadosamente sobre o assunto, ele resolveu escrever em algum lugar secreto a palavra e a maneira como deveria ser pronunciada, de modo que pudesse achá-la anos depois, mas onde ninguém mais pudesse encontrá-la.

Foi uma ideia muito inteligente, mas o que perturbou o velho feiticeiro foi descobrir um lugar secreto. Ele andou por todo o “pires” no alto do Monte Munch, mas não achou nenhum lugar onde pudesse escrever a palavra secreta e no qual os outros não esbarrassem com ela. Por fim, decidiu que ela deveria ser escrita em algum lugar de sua própria casa.

Bini Aru tinha uma esposa chamada Mopsi Aru, que era famosa por fazer ótimas tortas de mirtilo, e um filho chamado Kiki Aru, que não era famoso por nada. Era conhecido por ser zangado e desagradável, porque era infeliz, e era infeliz porque queria descer a montanha e visitar o grande mundo lá embaixo, e seu pai não o deixava. Ninguém prestava atenção em Kiki Aru, porque ele não se empenhava em nada, de qualquer modo.

Certa vez, houve um festival no Monte Munch, ao qual todos os Hyups foram. Foi realizado no centro do país, que tinha a forma de pires, e nesse dia todos limitavam-se a festejar e ser felizes. As crianças dançavam e cantavam; as mulheres enchiam as mesas com coisas gostosas para comer, e os homens ficavam tocando instrumentos musicais e relembando contos de fadas.

Kiki Aru sempre ia a esses festivais com seus pais, e então sentava-se taciturno, fora do grupo, e não dançava nem cantava, nem mesmo conversava com as outras pessoas. De modo que o festival não o tornava mais feliz do que nos outros dias, e dessa vez ele disse a Bini Aru e a Mopsi Aru que não iria. Em vez disso, ficaria em casa e seria infeliz por conta própria, concluiu, e assim os pais alegremente o deixaram ficar.

Mas, logo que foi deixado sozinho, Kiki resolveu entrar na sala particular de seu pai, aonde não lhe permitiam ir, e ver se encontrava alguns dos instrumentos mágicos que Bini Aru usava para trabalhar e praticar feitiçaria. Ao entrar ali, Kiki tinha batido o dedo do pé em uma das tábuas do piso. Vasculhou todos os cantos e não encontrou nenhum resquício das coisas mágicas de seu pai. Tudo havia sido destruído.

Muito desapontado, começou a dirigir-se para a porta quando bateu o dedo na mesma tábua do piso. Aquilo o deixou pensativo. Examinando a tábua mais de perto, Kiki descobriu que ela tinha sido

retirada e em seguida repregada, de maneira que havia ficado um pouco mais alta do que as outras. Mas por que seu pai havia tirado aquela tábua? Será que tinha escondido algum de seus instrumentos mágicos debaixo do piso?

Kiki pegou um formão e forçou a placa do piso, mas não encontrou nada ali embaixo. Estava prestes a substituir a tábua quando ela escorregou de sua mão e virou ao contrário, e ele viu alguma coisa escrita na parte de baixo. A luz era muito fraca, então ele levou a tábua até a janela e a examinou, e descobriu que as palavras escritas descreviam exatamente como pronunciar a palavra mágica *Pyrzqxgl*, que transformaria qualquer um em outra coisa instantaneamente e restabeleceria sua forma novamente assim que a palavra fosse repetida.

Nesse momento, Kiki Aru não percebeu imediatamente o segredo maravilhoso que tinha descoberto; mas pensou que poderia ser útil a ele e, pegando um pedaço de papel, fez ali uma cópia exata das instruções para pronunciar *Pyrzqxgl*. Então, dobrou o papel, colocou-o no bolso e recolocou a tábua do piso de modo que ninguém suspeitasse que tinha sido removida.

Depois disso, Kiki foi para o jardim, sentou-se embaixo de uma árvore e examinou cuidadosamente o papel. Ele sempre quisera sair do Monte Munch e visitar o grande mundo – especialmente a Terra de Oz –, e de repente lhe ocorreu a ideia de que, se conseguisse se transformar em um pássaro, poderia voar para qualquer lugar que quisesse conhecer e voar de volta quando tivesse vontade. Era necessário, contudo, aprender de cor a maneira de pronunciar a palavra mágica, porque um pássaro não tinha como carregar um papel com a palavra escrita, e Kiki seria incapaz de reassumir sua própria forma se esquecesse a palavra ou a sua pronúncia.

Então ele a estudou por um longo tempo, repetindo-a centenas de vezes em sua mente até ficar seguro de que não a esqueceria. Mas, para